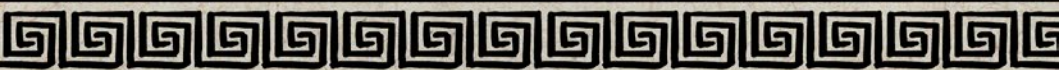


DIONISO

ENSAIO DE UMA BIOGRAFIA IMPOSSÍVEL

WELLINGTON SRBEK



DIONISO

ENSAIO DE UMA BIOGRAFIA IMPOSSÍVEL

WELLINGTON SRBEK

EDIÇÃO DO AUTOR



© 2024 Wellington Srbek

Todos os direitos reservados.

Texto e edição: Wellington Srbek

Editoração eletrônica: Dênio Takahashi

Ilustração da capa: concepção do autor e realização por Bia Donato,
a partir de pinturas de cerâmicas gregas do século V a.C.

Dioniso: Ensaio de uma biografia impossível é uma edição do autor. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou comercializada, por quaisquer meios, sem a autorização do titular de seus direitos autorais.
Obra registrada na Câmara Brasileira do Livro.

Belo Horizonte, 2024.

PROSCÊNIO

Minha paixão pela mitologia grega começou ainda criança, quando ouvi falar pela primeira vez do labirinto de Creta e do Minotauro. Quando estava na 5ª série, atual 6º ano do Ensino Fundamental, tive aulas sobre a Antiguidade, o que reavivou aquela paixão e me levou a decidir que graduação fazer. Em 1994, iniciei o curso de História na UFMG e, entre agosto de 1995 e julho de 1996, realizei uma pesquisa de iniciação científica sobre a figura do herói na Grécia antiga.

Embora a Hélade não tenha sido tema em muitas de minhas publicações autorais, mitologia e literatura continuaram presentes na maioria de minhas produções. Recentemente, fui chamado de volta pela antiga paixão que jamais deixei de lado por completo, o que deu origem a novos trabalhos, a começar pelo texto nesta edição. Dedicado ao deus grego Dioniso, ele foi escrito em setembro de 2021, num momento de intensa imersão no tema. O resultado varia entre os gêneros da história e da mitologia.

Tudo foi precedido por um mês de leitura e pesquisa sobre a história e os mitos gregos. Sobretudo, em textos de Jean-Pierre Vernant e Walter Burkert, dois grandes estudiosos que já haviam feito parte da bibliografia de minha iniciação científica. Divergindo em questões importantes sobre o dionisismo e outros temas, eles se citam mutuamente nas introduções de seus livros sobre a religiosidade grega para enfatizar que pertencem a escolas de pensamento diferentes, mantendo a secular rivalidade franco-germânica. Reencontrá-los foi uma experiência de arrebatamento intelectual, e essas leituras iniciais levaram à escrita e mais pesquisa.

Nas páginas a seguir, informações históricas de conhecimento amplamente difundido são citadas sem necessariamente se fazer referências a fontes. No que diz respeito às narrativas mitológicas recontadas, valho-me do conhecimento adquirido em anos de estudos e trabalhos autorais. Como diz o título, esta pequena publicação em homenagem a Dioniso traz um ensaio sobre a história do deus, uma breve biografia mitológica, um texto impossível.

CENÁRIO HISTÓRICO

A definição de períodos históricos para a Grécia antiga é uma informação bastante difundida. Mesmo assim, uma breve apresentação da história da Hélade pode ser de valia na leitura deste trabalho. Pois o território que conhecemos como “Grécia” era parcialmente habitado já no Paleolítico, tendo durante o Neolítico populações que se estabeleceram com os primórdios de atividades pastoris e agrícolas. Situada próximo às primeiras grandes civilizações da Antiguidade, na passagem de um importante corredor migratório e no centro da movimentada Bacia do Mediterrâneo, a região vivenciou interferências e interações por milênios.

Entre os séculos XX e XVI a.C., a civilização minoica na ilha de Creta viveu seu auge, detendo hegemonia no Mar Egeu e influência sobre os povos do arquipélago das Cíclades e os heládicos do continente. Valendo-se do comércio marítimo com potências como o Egito, sua cultura florescia a partir de centros palacianos como Cnossos, decorado por belos afrescos mostrando mulheres em vestidos coloridos e jovens saltando sobre touros. Os escribas cretenses do Período Minoico desenvolveram para sua língua o sistema de escrita que ficou conhecido como Linear A, ainda não decifrado. Paralelamente, algum tempo antes do século XX a.C., teriam se estabelecido na Grécia continental os grupos indo-europeus falantes da protolíngua que daria origem ao grego antigo, tradicionalmente identificados como as tribos dos aqueus, jônios e eólios.

Por motivos não inteiramente definidos, que podem envolver rebeliões locais e grandes terremotos, a civilização minoica passou por perturbações em meados do século XV a.C. e acabou sendo conquistada por seus vizinhos continentais. Na virada para o século XIV a.C., escribas já haviam adaptado o Linear A ao grego micênico, gerando o que ficou conhecido como Linear B, no qual foram feitos os primeiros registros conhecidos dos nomes de deuses gregos. Durante o Período Micênico, a sociedade girava em torno da figura do rei, o *wánax*, chefe político, militar e ocasionalmente religioso. De vocação guerreira, os micênicos desenvolveram cultura própria a partir dos centros palacianos continentais, como Micenas, Tebas e Pilos. O que quer que tenha sido a Guerra de Troia “real”, ela deve ter acontecido em algum momento do século XIII a.C., envolvendo reinos gregos e a cidade rival na costa noroeste da Anatólia.

Mudanças ambientais, ataques externos e instabilidades na própria sociedade levaram a eventos que, até o começo do século XII a.C., deixaram destruídos ou abandonados os palácios micênicos. No período que se seguiu, durante a chamada Idade das Trevas Grega dos séculos XI a IX a.C., a escrita desapareceu e as informações arqueológicas que chegaram até nós tornaram-se mais limitadas. Sabe-se que foi um

período de empobrecimento material e alterações populacionais na Grécia, com o aparecimento do grupo identificado como dórios, poder político fragmentado e predomínio das elites guerreiras. Essa foi também a época de ascensão dos aedos, os “poetas inspirados”, que cantavam as façanhas dos heróis do passado, contavam os mitos dos deuses e teciam as cosmogonias que davam explicação à ordem do mundo. Esse foi ainda o momento do estabelecimento de importantes cidades gregas na costa da Anatólia / Ásia Menor. Ao fim, transformações sociopolíticas abririam caminho para a civilização da cidade-Estado helênica.

Sem jamais constituir uma unidade política, mas tendo estabelecido um sentimento de unidade etnocultural, a Grécia antiga é mais conhecida pela civilização da pólis dos séculos VIII a IV a.C., nos períodos Arcaico e Clássico. Nesse momento, alterações na administração da vida coletiva e até na forma de guerrear propiciaram uma progressiva abertura política, isso para uma sociedade aristocrática extremamente hierarquizada e apoiada no trabalho escravo. Em meados do século VIII a.C., ocorreu o desenvolvimento do alfabeto grego, o que possibilitaria a reformulação em escrito de poemas orais, além da elaboração de novas obras. Impulsos e pressões sociais levaram cidades a fundarem dezenas de colônias autônomas e empórios, do Mar Negro à Sicília, do norte da África ao sul da Espanha. Com isso, a cultura helênica não só alcançou novas fronteiras geográficas, mas também novos florescimentos estéticos, à medida que recriava seus estilos enquanto dialogava com elementos autóctones e influências estrangeiras. Exportando principalmente azeite e vinho, transportados em suas apreciadas cerâmicas, a Hélade atuava intensamente no comércio marítimo, fortalecendo sua economia. Após uma fase “orientalizante”, Grécia continental, ilhas do Egeu e cidades coloniais tornaram-se, a partir dos séculos VII e VI a.C., uma referência cultural no Mediterrâneo.

Na virada para o século V a.C., após a experiência política da tirania e em meio às lutas contra as invasões pelo Império Persa, alcançou-se o que se considera o auge sociocultural da civilização helênica, simbolizado pela democracia clássica em Atenas, pelas obras-primas da escultura e da arquitetura, pelo teatro antigo. Contudo, o poderio da Liga de Delos ateniense gerou a oposição de outras cidades, em especial de Esparta, o que culminou na Guerra do Peloponeso, de 431 a 404 a.C., da qual a Hélade não se recuperou. Em 338 a.C., a derrota para o exército de Filipe II da Macedônia e seu filho Alexandre interrompeu a história autônoma da Grécia antiga.

DIONISO

Ensaio de uma biografia impossível

Dioniso, o deus do vinho e do êxtase, da dissolução de identidades e categorias, da possessão coletiva ritualizada ou espontânea, da festa e do teatro, é numa definição, embora escape a definições limitadoras, o deus próprio do *enthousiasmós*. Por vocação, ele sempre esteve um tanto à margem do grande Panteão olímpiano, tendo algo de estrangeiro. Ainda que se revele uma das divindades gregas comprovadamente mais antigas e mais amplamente cultuadas.

Da etimologia à mitologia

A “certidão de nascimento” de Dioniso está registrada nas tabuinhas de argila encontradas em sítios arqueológicos dos séculos XIV ao XII a.C. na Grécia continental e em Creta. Nelas, seu nome aparece na forma *di-wo-nu-so* da escrita silábica do Linear B (DUEV, 2008, p.227). A primeira metade da inscrição, *di-wo*, pode indicar um atestado de paternidade, pois parece ser equivalente ali ao nome de Zeus no genitivo, *Diós*. Porém, a segunda parte da inscrição, *nu-so*, que corresponde a *nysos*, permanece motivo de debate entre filólogos e historiadores. Diferentemente da primeira metade, considerada indo-europeia, a segunda tem origem incerta e até obscura. Entre as possibilidades estariam a região ao nordeste da Grécia e a Ásia Menor, sendo que “uma origem minoico-micênica deve ser seriamente considerada” (BURKERT, 1985, p.162).

A interpretação de *Dionysos* significando “Filho de Zeus” vem sendo proposta há muito tempo, mas jamais foi confirmada totalmente. Ainda na Antiguidade sugeria-se a referência ao mítico Monte Nisa, local onde o pequeno Dioniso foi criado em segredo pelas ninfas Nisiades, o que não elucida a questão e mantém o enigma. Paralelamente, antigos mitos da região do Mediterrâneo tratam de um “deus da vegetação” que morre para renascer (DUEV, 2008, p.227-228), assim como a vida vegetal renasce anualmente após a estação de estiagem. Sendo que “nascido duas vezes” é um dos epítetos mais conhecidos do deus do vinho, a exemplo do ramo de parreira que renasce no solo como uma nova videira. Nada disso, entretanto, lança luz sobre quem seria a mãe do *di-wo-nu-so* citado no Linear B.

Indícios em cultos remetem ao nome de Deméter, deusa da agricultura e do trigo. Dioniso está associado a ela nos antigos e influentes Mistérios de Elêusis, nos quais seria denominado como Iaco, com presença importante no cortejo anual que seguia de Atenas até aquela cidade. Afinal, pão e vinho andam juntos há milênios. Mas nos denominados “mistérios

órficos”, mais recentes e destoantes das tradições helênicas principais, o nome que surge é o da filha daquela deusa, Perséfone, soberana do reino dos mortos. Tudo envolve uma complicada trama incestuosa, com Zeus metamorfoseado em cobra e um canibalismo divino pelos titãs, com Dioniso também nascendo duas vezes, na primeira chamando-se Zagreu. Vale lembrar que o poeta Orfeu, titular do Orfismo, foi um dos primeiros personagens míticos a acabar despedaçado por um grupo de frenéticas bacantes, as seguidoras de Dioniso.

Por direito de recorrência e autenticidade nas fontes mitológico-literárias, cabe à princesa tebana Sêmele o título de “mãe de Dioniso”. Ainda que o nome dela também apresente uma etimologia não grega, a exemplo do que ocorre com diversos elementos associados aos mitos e ritos dionísíacos, como “tirso”, “ditirambo” e a segunda denominação pela qual o deus do vinho era conhecido, “Baco”; termos possivelmente relacionados aos reinos da Frígia ou da Lídia dos séculos VIII e VII a.C. (BURKERT, 1985, p.162-163). Inegavelmente, há algo de estrangeiro e miscigenado nesse tão propriamente helênico, ainda que um tanto marginal, deus da Grécia antiga. Mas passemos ao mito, como consagrado na tradição mitológico-literária, que serviu de fundamento para a extraordinária peça *As Bacantes* de Eurípedes, que em 405 a.C. rendeu ao autor o prêmio póstumo no concurso de tragédias em Atenas.

Dois nascimentos, infância divina

No mito, lá do alto no Olimpo, seguindo o que parece ser um de seus atributos divinos, Zeus olha para baixo e vê uma bela mortal. O deus se apaixona de imediato pela jovem e deseja possuí-la sexualmente; como havia ocorrido com Europa, metamorfoseado em touro branco, e com Dânae, transformado em chuva de ouro, sendo que ambas se tornaram mães de reis, respectivamente Minos de Creta e Perseu de Micenas. No caso em questão, a linda moça é Sêmele, filha do rei Cadmo que havia fundado a “bem murada” Tebas, depois de sair em busca e desistir de encontrar sua irmã desaparecida, Europa.

Sedutor de poder irresistível e amante de fertilidade sobrenatural, Zeus conquista Sêmele, que logo engravida. Entretanto, mais esse caso extraconjugal não passa despercebido aos olhos de Hera, que trama se vingar da nova conquista do marido e, conseqüentemente, do filho ilegítimo que ela traz no ventre. Não podendo dirigir sua ira contra o próprio cônjuge infiel, por ser ele o rei do Olimpo, a deusa do casamento torna-se a causa de suplícios para as amantes e os filhos mortais de Zeus. O caso exemplar será o de Héracles, que a rainha olimpiana perseguiu obstinadamente desde o berço, mas em cujo nome paradoxalmente se

pode ler “glória de Hera”. Então, assumindo a forma de uma dama de companhia e confidente de Sêmele, a deusa convence a princesa de Tebas a pedir uma prova do amor de Zeus, tendo este que conceder o que ela pedisse, após fazer o juramento sagrado dos olímpianos. O deus aceita, o que sela o destino da jovem, então grávida de seis meses; pois Sêmele lhe pede que apareça para ela sem atenuações, em sua forma divina plena.

Preso ao juramento, na trama arditamente preparada por Hera, e lamentando por saber as consequências, Zeus cumpre o pedido catastrófico. Afinal, nenhum mortal deve ter acesso à presença plena de um deus, sem disfarces ou abrandamentos. E Zeus não é somente um dos imortais, mas o rei dos deuses, o soberano do Olimpo, o pai celestial. Sendo que seu atributo característico é a energia mais poderosa conhecida pelos povos antigos, o relâmpago. Assim, no instante em que aparece para Sêmele como é de fato, Zeus a fulmina com sua imagem fulgurante, o raio em pessoa, que representa também o fogo celestial imortal. O corpo da jovem é carbonizado, mas o deus age a tempo de retirar do ventre envolvido em chamas seu filho com a mortal, nascido num dramático parto prematuro. Ato contínuo, o pai olímpiano abre um corte na própria coxa direita, que assume a estranha função de útero, onde o bebê terminará de ser gerado.

Zeus percebe por trás de tudo os ardis de Hera. Para evitar que o novo filho sofresse mais perseguições da contrariada madrasta, quando a gestação se completa, ele retira da coxa o bebê divino, nascido assim duas vezes. Daí, convoca Hermes, o mensageiro do Olimpo, dando-lhe a missão de cuidar para que seu novo meio-irmão fique em segurança. Com o rebento paterno nos braços, o veloz deus atravessa terra e mar. Logo chega ao Monte Nisa, local bucólico e mítico, rodeado de rebanhos, habitado por ninfas, às quais o deus pastor incumbe da criação do caçula olímpiano. Vale apontar que esse episódio marcará a eterna proximidade entre Hermes e Dioniso. Um o deus do transpor de fronteiras, o outro o deus da dissolução de identidades; sendo ambos associados ritualmente a bodes, bem como a marcos espaciais apotropaicos e objetos culturais que sugerem visualmente ou têm a própria forma de falos eretos.

Em tudo que envolve Dioniso, os limites entre o terreno e o divino, mortal e imortal, celebrante e deus, parecem menos nítidos, certamente nada rígidos, quase mesmo não se aplicando em algumas situações. Não por acaso, ele é o único deus grego filho de uma mulher mortal. Sua singular condição divina pode ter sido transmitida nos três meses finais da gestação na coxa-feita-útero de Zeus, da qual saiu para seu segundo nascimento. O começo de uma trajetória que incluirá longas peregrinações, e intercâmbios entre leste e oeste.

Jovem deus ganha mundo

De volta aos mitos para prosseguirmos nesta trajetória única. Mitos esses que, não se tratando de um sistema fechado, comportam diferentes versões e variações regionais ou temporais para as histórias das divindades. Numa versão alternativa, ou complementada, antes de ser levado por Hermes para ser criado pelas ninfas do Monte Nisa, o bebê Dioniso teria sido entregue por Zeus a Ino, irmã de Sêmele, e seu marido, Atamante, para que o criassem como filho. No entanto, Hera descobre o paradeiro do indesejado enteado e lança a loucura sobre o casal de pais adotivos, o que os leva a assassinar os próprios filhos e cometerem suicídio. Em outra variação ainda, teria sido sobre Dioniso que a vingativa rainha do Olimpo lança a loucura, levando-o a vagar pelo mundo, delirante, até ser curado pela Deusa Mãe anatólica, Cibele. Diga-se de passagem, os rituais orgiásticos dessa Mãe da Montanha, com tamboril e flauta induzidores de êxtase, teriam influenciado os cultos dionisiacos e seus sonoros cortejos. De toda forma, Dioniso acabou indo parar no mítico Nisa, cercado por rebanhos de cabras e ovelhas, tão caros a seu meio-irmão, Hermes. Ali, ele permaneceu em segredo, protegido pelas ninfas e tendo como preceptor o sábio e beerrão Sileno, geralmente visto escornado num asno, com um jarro de vinho em mãos e um ar de experiente embriaguez.

O tempo passa, Dioniso cresce e quando temos notícias dele novamente já encontramos um jovem deus pronto para colocar os pés na estrada e conquistar o mundo. O que, no caso, serão as terras ainda mais a leste, para além da Ásia Menor; e Dioniso não está só. Seguido de perto por seu mentor, Sileno, o rapaz divino lidera um cortejo, eventualmente exército alegre e barulhento, composto por sátiros, seres meio animais, geralmente itifálicos, e por ménades, ninfas seminuas e muito ferozes quando provocadas. Todos carregando longas flautas duplas e os tirsos, varas envoltas em ramos de hera e de videira, com pinhas na ponta. O chamado “tíaso” dionisiaco tornou-se tema recorrente nas pinturas da cerâmica de figuras negras e vermelhas, especialmente em recipientes para vinho. Assim, a comitiva seguiu em sua sagrada missão de levar aos povos do leste o conhecimento do plantio da uva e do preparo do vinho, bem como do poder contagiante e iluminador da embriaguez dionisiaca. Comentava-se na Antiguidade que nem as altas muralhas da Pérsia e da Índia resistiram à epifania do deus do vinho, no que ele antecedeu as campanhas militares de Alexandre o Grande pela Ásia; sendo que o famoso nobre macedônio também se dizia um filho de Zeus.

Contudo, talvez saudades da Grécia natal que não havia conhecido, ou as tramas de seu destino tecido pelas veneráveis Moiras, levaram Dioniso de volta às terras a oeste. Já um jovem adulto divino de

longa barba negra, vestes também longas com algo de roupas femininas e asiáticas, geralmente tendo à mão o típico *kántharos* de vinho, Dioniso Baco fez antes uma parada na região a nordeste da Grécia, no reino da Trácia. Acompanhado de um tiaso de bacantes, mulheres livres e delirantes que se identificam com as mênades em aparência e comportamento, o deus não foi bem recebido. Ele e seu séquito são hostilizados pelo rei Licurgo, que manda prender as bacantes e persegue Dioniso, que não vê alternativa senão atirar-se ao mar em fuga. Todavia, em momentos difíceis de suas peregrinações, para compensar a morte prematura de Sêmele e a raiva eterna de Hera, o deus sempre recebeu o amparo de outras figuras maternas, como a nereida Tétis, futura mãe do grande herói Aquiles, que acolheu Baco em seu lar marinho por um tempo.

Ao fim, como outros descobrirão, tentar resistir à força inebriante do deus do vinho e do êxtase é inútil; e pode ser muito perigoso. Pois o mesmo “deus que vem”, o “libertador”, é também o “selvagem” e o “destruidor de homens”. O destino de Licurgo é a loucura ilusória, seguida do assassinato de familiares e da auto-amputação. Um episódio que parece servir de alerta contra tentativas, individuais ou coletivas, de reprimir ou anular as pulsões vitais da liberdade e da busca por um alívio das preocupações cotidianas. Esse será um dos ensinamentos fundamentais de Dioniso para a Grécia antiga, seu destino enfim no caminho de volta, seguindo a linha do sol em seu ciclo diário de leste para oeste.

O retorno à Tebas natal

Após a temporada no mar, que incluiu uma captura por piratas que duvidaram de sua divindade e terminaram transformados em golfinhos, o deus “nascido duas vezes” chega a Tebas, cidade da Beócia em que foi gerado e onde o reencontramos declamando o monólogo que inicia *As Bacantes*. Considerada um dos melhores e mais apropriados relatos sobre o dionisismo antigo, a renomada tragédia de Eurípedes fala por si, enquanto produção literária e dramática exponencial da Grécia no Período Clássico. Do que se pode aferir do mito a partir da peça, Dioniso entra em Tebas com sua comitiva de bacantes, transfigurado em sacerdote de seu próprio culto. Nós o vemos frente ao palácio real, mais precisamente próximo aos antigos aposentos da mãe, onde ainda queima o fogo imortal no solo atingido pelo raio divino.

O avô materno do deus, Cadmo, aposentou a coroa, passando-a para o neto Penteu, filho de Agave, outra irmã de Sêmele. No palácio, alguns duvidam de que a parente morta num “incêndio” teria mesmo sido uma amada de Zeus e dele engravidado. Na verdade, suspeitam da história dela, acham que ela engravidou de outro e que a morte nas chamas foi

um castigo divino por ter mentido. É para restituir a verdade de sua mãe e estabelecer seu culto na cidade de seu primeiro nascimento que Dioniso Baco volta à ordeira Tebas, lar de guerreiros. Rapidamente, a influência inebriante do deus e a presença ruidosa de suas bacantes se faz notar pelas ruas, antes calmas e silenciosas. Ainda mais quando as próprias mulheres tebanas deixam tudo de lado para se juntar às bacantes. Contrariado pela desordem que tomou conta de seus domínios, o austero rei Penteu manda prender o suposto sacerdote báquico. Ele quer saber o que fazem em Tebas esse “estrangeiro” de jeitos “efeminados” e suas seguidoras arruaceiras. Contudo, após ser levado para as cavalariças do palácio onde é interrogado pelo monarca, Dioniso se solta sem dificuldades das correntes que o prendiam, ao mesmo tempo em que as paredes palacianas começam a se desmanchar.

Nada agora parece em seu devido lugar em Tebas, tomada pela convulsão social. Até o ex-rei Cadmo e o sábio Tirésias, também personagem em *Édipo Rei* de Sófocles, rumaram para as montanhas na trilha das bacantes. Pior ainda, a mãe do atual rei, Agave, havia se tornado uma bacante. A antes solene senhora se juntara àquelas mulheres ébrias que, dizia-se, corriam pelos campos aos gritos em seus tiasos, dançando e tocando flautas, ou batendo no solo com seus tirsos para fazer jorrar do chão fontes de água, vinho, leite, mel. Mais, vestidas em andrajos e cobertas por peles de panteras asiáticas, com serpentes emaranhadas nos cabelos, ora alimentavam filhotes de feras em seus seios, ora se atiravam sobre bois e vacas que despedaçavam com as próprias mãos, para devorar a carne crua e ensanguentada, como fazem os animais selvagens. Isso, para o enorme espanto de um homem grego, que só ingeria carnes de animais de criação após serem consagradas no fogo.

Nem mesmo os guardas palacianos fortemente armados, com suas espadas, lanças e escudos metálicos, foram páreo para a fúria das mulheres vestidas de feras, pacíficas quando não provocadas, mas que os derrotaram com grande facilidade e pedaços de pau. Por fim, Dioniso transfigurado em sacerdote convence o primo rei a ir dar uma espiada no que ocorria lá no Monte Citéron. Muito curioso sobre os ritos que ele próprio tentava em vão expurgar, Penteu resiste um pouco, mas acaba aceitando. O que se dá de acordo com um dos atributos do dionisismo, que é a dissolução de identidades. Nesse caso, pelo “travestimento”, já que o deus persuade seu primo real a se disfarçar de mulher; mais exatamente de bacante, com longa roupa e cabelos soltos, pele de animal enrolada nos ombros e tirso em punho. Tudo isso para, supostamente, o monarca poder passar despercebido pelas seguidoras báquicas, durante uma expedição de “voyeurismo” montanhês.

E lá vão os dois primos pelas ruas da cidade rumo à montanha. Mas na visão de Penteu, meio zonzó e vendo coisas duplicadas, como se fosse um tonto, um ébrio, um “baco”, aparecem dois sóis, duas Tebas, enquanto Dioniso assume por vezes a forma de touro, animal principal de seus ritos sacrificiais. O clímax de tudo é o esperado quando se tem um deus grego tratado desrespeitosamente por um mero humano, seja ele rei, primo rei, seja quem for. Chegando ao Citéron, Dioniso eleva Penteu até a copa de uma árvore, com o pretexto de ele poder bisbilhotar melhor as bacantes. Então, o deus avisa a suas seguidoras que o homem que as perseguia estava bem ali. Possuídas de ferocidade assassina, elas tentam derrubar a árvore, conseguindo trazer ao chão o rei disfarçado de mulher. Imediatamente, as bacantes se atiram sobre Penteu, sua mãe com mais furor do que as demais, fazendo o monarca em pedaços.

Agave retorna ao palácio de Tebas trazendo nas mãos, orgulhosa de seu feito, o que pensa ser a cabeça de um leãozinho que ela mesma teria matado à unha. O velho Cadmo não crê em seus olhos diante da horrenda entrada da filha carregando a cabeça decepada do neto. Realidade que, gradualmente, vem aos olhos da própria Agave, desesperando-se por ter assassinado Penteu. Na conclusão dramática, as devidas punições divinas são executadas e a epifania do deus se impõe. A experiência dionisiaca, anda que temporária ou ligada a celebrações cívicas, mesmo quando ritualizada ou encenada no teatro consagrado ao deus, não deveria ser excluída da pólis antiga; pois resistir intransigentemente a essa divindade da possessão era inútil e poderia ser desastroso. Mesmo em se tratando da Atenas clássica do “século de ouro”, e em particular no caso dela, espaço hierarquizado e helênico por excelência, era preciso reconhecer em meio a si a alteridade, o que se tem de essencialmente incontível e vitalmente diferente.

Entre mito e ritual

Não apenas Tebas, mas praticamente toda a Hélade pertencia a Dioniso Baco. E como que buscando as origens do deus nos tempos “minoico-micênicos” o mito lhe fez de esposa a cretense Ariadne, filha de seu meio-irmão Minos. Vale apontar que indícios sugerem que essa princesa teria sido originalmente, em Creta ou mesmo nas Cíclades, uma divindade relacionada a danças rituais, depois convertida em nobre mortal com a dominação pelos gregos continentais. Mas reatando o fio mitológico, Ariadne havia auxiliado o ateniense Teseu com o novelo que lhe permitiu sair do labirinto após derrotar o Minotauro; entretanto, a princesa é deixada pelo herói na ilha cíclade de Naxos, onde é encontrada por Dioniso, que imediatamente se apaixona pela sobrinha, com quem

se casa. Uma união mítica que era ritualizada anualmente no tradicional festival das Antestérias (VERNANT, 2006, p.75; BURKERT, 1985, p.239). Nesse ponto, já sendo um deus em plenos direitos, Baco leva a esposa para viverem no Monte Olimpo, com as bênçãos do pai e talvez a contragosto da madrasta. Com isso, Ariadne tornava-se, ela também, uma imortal que se nutre de “néctar e ambrosia”.

Todavia, não nos confundamos. A bebida divina da qual se trata aqui é outra, o vinho, apelidado desde a Antiguidade de “o sangue da videira”. E sangue não deixa de remeter aos sacrifícios rituais feitos em honra aos deuses; o que nos lembra que a Grécia antiga sempre revela o outro lado da moeda, pois onde há vida também há morte. Porém, exatamente tudo que se passou ao longo dos mil anos de cultos a Dioniso comprovados por fontes históricas, do auge do Período Micênico passando pela Idade das Trevas Grega, até o Arcaico e o final do Clássico, é algo impossível de sabermos por completo.

Com certeza, numa sociedade em que o religioso perpassava todos os aspectos da vida, libações de vinho ao deus do vinho eram algo absolutamente corriqueiro. Além disso, a embriaguez e a alteração de consciência potencializadas por música e dança, alcançando estados de transe coletivo, estão na base do dionisismo antigo, com sua “loucura divina” e sua “epifania orgiástica”. Obviamente, o sexo e a valorização dos prazeres carnavais eram componentes centrais em celebrações da vida e da fertilidade; sendo que na religiosidade helênica a sexualidade muitas vezes era parte da epifania de um deus, sendo tratada de forma direta ou por representações não veladas. Complementarmente, se a morte sacrificial de touros era parte do culto oficial ao deus, com seus sacerdotes observando as normas rituais helênicas, também ocorreu em contextos dionisíacos a ingestão selvagem da carne crua de animais, contrariando uma das principais normas alimentares dos antigos gregos.

Tendo seus santuários e lugares votivos, sendo cultuado muitas vezes na forma de uma efígie-máscara amarrada a uma coluna, Dioniso também esteve presente em incontáveis festivais e celebrações, seus próprios e de outras divindades. Nos períodos Arcaico e Clássico, esses eventos anuais ou sazonais marcavam os calendários tanto no campo com as Pequenas Dionísias, quanto na cidade com as Grandes Dionísias. Eram principalmente festividades públicas que estabeleciam um tempo separado do ritmo cotidiano comum, nas quais a liberdade relativamente ampliada se estendia às margens da sociedade, contemplando até não cidadãos, como escravos e estrangeiros. Não faltavam ruidosos e licenciosos cortejos levando bodes enfeitados e enormes esculturas de falos, com homens fantasiados de sátiros e mulheres vestidas de ménades. E as mulheres adultas eram celebrantes centrais do dionisismo, tendo ali uma oportunidade de

extravasamento e alívio numa vida cotidiana muito restritiva, podendo deixar suas casas e ter presença em espaços públicos. Isso no contexto de uma sociedade fundamentalmente patriarcal e misógina, em que eram considerados cidadãos apenas homens adultos livres com posses ou em função guerreira. A “perturbação” temporária da rotina cotidiana das mulheres, patrocinada por Baco, acentuava ainda mais sua contraposição a Hera, senhora da vida conjugal e da ordem doméstica.

Se Dioniso nasceu a segunda vez da coxa de Zeus, sua meia-irmã primogênita, Atena, teve a primazia de nascer da cabeça do pai. Embora a virginal deusa guerreira preconizasse uma justa ordem, seu festivo meio-irmão tinha lugar especial entre os habitantes da cidade com a qual ela compartilhava o nome. Sendo o Partenon “a casa da virgem”, os assuntos dionisíacos eram, na verdade, mais para mulheres feitas, incluindo as matriarcas atenienses. Uma vez por ano, nas Antestérias, catorze dessas veneráveis senhoras dirigiam-se a um pequeno e isolado santuário de Dioniso, para realizar rituais secretos; já a cada três anos, um colegiado feminino era enviado por Atenas ao Monte Parnaso, onde assumia, junto a celebrantes do templo de Delfos dedicado a Apolo, a condição de grupo de bacantes (VERNANT, 2006, p.75-76). Embora o ditirambo dionisíaco e o peã apolíneo não combinassem em ritmo, esses deuses irmãos por parte de pai, um do êxtase, outro dos oráculos, complementavam-se bem.

De volta a Atenas, foi no contexto das Grandes Dionísias no século VI a.C., em meio a disputas de ditirambo e peças satíricas, que o concurso de tragédias foi instaurado no teatro de Dioniso, deus da máscara, da troca de identidades e da ilusão. Elementos esses fundantes da encenação teatral, ainda mais numa época em que atores masculinos interpretavam todos os papéis, de deuses e humanos, de jovens e velhos, de homens e mulheres. Em cena, o protagonista usando máscara encarnava um dos personagens do passado mítico, enquanto travava diálogo com o coro, corpo coletivo que espelhava o conjunto da própria cidade onde a arte dramática frutificou. Pois o teatro na antiga Atenas era um evento artístico e cívico, sem deixar de ser religioso. Ali, o sacerdote de Dioniso tinha cadeira cativa e de honra (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1991, p.20), qual um trono brotando na plateia.

Quando falamos dos mitos da Grécia antiga, é preciso lembrar que temos acesso a eles de forma indireta e mediada. Não temos conhecimento exato sobre o que existia “originalmente”, pois não temos diante de nós um aedo, um dos “poetas inspirados” da Antiguidade, para narrar os mitos, ou *mythoi*, como eram na época em que foram crenças vivas e tradições orais, desde sempre variáveis, aliás. O que temos são fixações em forma escrita a partir da segunda metade do século VIII a.C., além de representações iconográficas em pinturas e esculturas, bem como indícios simbólicos

que transparecem nos rituais que historiadores seguem interpretando. Os antigos mitos continuam, assim, horizontes para os quais nos voltamos em maravilhamento, sem poder alcançá-los de fato. Mas seguimos tentando chegar um pouco mais próximo, enquanto encontramos surpreendentes paralelos refletidos nesta outra margem da história, que é o tempo presente.

Libações finais

Uma biografia de Dioniso é impossível por diversos motivos. As origens do biografado enraizam-se no Período Micênico para antes dos primeiros registros escritos de seu nome. Também, dada a imensurável popularidade, sua presença se estendeu para além do fim do Período Clássico. Já nessa época o fortalecimento do individualismo e a emergência de seitas místicas mudavam o quadro da religiosidade grega. Embora fizesse parte da tradição mitológica a referência à descida de Dioniso ao Hades para resgatar a alma de sua mãe, Sêmele, uma crescente valorização de sua dimensão “ctônica” sugere influências de correntes que alteravam a face do deus do vinho e da alegria festiva. Escritos enigmáticos encontrados no Mar Negro, nos confins do mundo helênico, ligariam Baco ao Orfismo. Entra-se aí no campo das especulações religiosas sobre os destinos da alma no pós-morte, o que teria mais a ver com o egípcio Osíris do que propriamente com o grego Dioniso. A partir do Período Helenístico e com a posterior dominação por Roma, a Grécia resistiu em suas crenças e seus ritos, mas não deixou de ser influenciada pelas novas ondas culturais e religiosas que tornaram o quadro ainda mais complexo. O nome Baco passou a estar associado aos excessos das bacanais romanas, enquanto o poema épico tardio *Dionisiacas*, escrito por Nono de Panópolis, apresentou uma versão guerreira de Dioniso. Estamos aí muito distantes dos tiasos que, nos séculos VIII a IV a.C., movimentavam campo e cidade na Hélade.

Como conclusão deste ensaio biográfico, podemos considerar um indefinido sincretismo para o *dí-wo-nu-so* das tabuinhas de Linear B, que parece incluir um elemento não grego assimilado pela nova cultura dominante no Período Micênico; além de um posterior sincretismo entre Grécia e Ásia Menor para a formação do Dioniso Baco, cujos cultos já estavam disseminados no Período Arcaico. A biografia de Dioniso será sempre um empreendimento incompleto, e impossível. Sendo uma mistura de artigo historiográfico e narrativa mitológica, este ensaio não teve outro objetivo senão sua realização em si. Como uma libação em reverência ao deus do *enthousiasmós*, ao imortal Dioniso. Evoé Baco!

Bibliografia

- BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado dos símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BURKERT, Walter. **Greek Religion: Archaic and Classical (Revised Edition)**. Oxford: Blackwell Publishing, 1985-2002.
- DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DUEV, Ratko. "Zeus and Dionysus in the Light of Linear B Records". *PASIPHAE: Rivista di Filologia e Antichità Egee, Numeri I*. Roma: Fabrizio Serra, 2008, p.223-230.
- I Greci in Occidente: Magna Grecia e Sicilia*. Milão: Fabbri, 1996.
- SRBEK, Wellington. "O herói na Grécia antiga: Uma análise d'A Ilíada e de Édipo Rei" (Pesquisa de Iniciação Científica pelo CNPq). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1995-1996.
- VERNANT, Jean-Pierre. **A morte nos olhos: Figurações do outro na Grécia antiga**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. **Entre mito e política**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga, volume II**. São Paulo: Brasiliense, 1991.



Dioniso, o deus do vinho e do êxtase, da dissolução de identidades e categorias, da possessão coletiva ritualizada ou espontânea, da festa e do teatro, é numa definição, embora escape a definições limitadoras, o deus próprio do *enthousiasmós*. Por vocação, ele sempre esteve um tanto à margem do grande Panteão olímpiano, tendo algo de estrangeiro. Ainda que se revele uma das divindades gregas comprovadamente mais antigas e mais amplamente cultuadas.

